O OVARENSE

JORNAL DO PARTIDO PROGRESSISTA

N.º 263 | **Assignaturas** Anno... 1$000 réis | Semestre. 500 réis. Com estampilha, (anno).. 1$200 réis. Numero avulso. 40 réis | *Domingo 15 de julho de 1888* | **Publicações** Annuncios e communicados, linha.. 50 réis. Repetição..... 25 réis. Os srs. assignantes teem o desconto de 25 %. | 5.º ANNO

Exm.º Sr. Morgado Moraes Ferreira Vallega

PARA A HISTORIA D'OVAR

Quantias, que desappareceram, sem se saber para onde o sr. Aralla as mandou:

Dos canudos da sr.ª camara.....	28$492
Dos pescadores....	90$000
De lenha durante 1886.....	408$770
Valor de pinheiros levados gratuitatamente da Estrumada para a casa, em construcção, do irmão do ex-vice-presidente da Camara, como se vê de repetidas affirmações d'um antigo *correspondente* d'esta Villa para o *Jornal de Estarreja*.....	800$000
	1:327$262

Somma e segue porque tudo ha-de vir a lume.

OVAR, 14 DE JULHO DE 1888

O parlamento

A' hora em que escrevemos funccionam ainda as camaras; é a ultima semana, ao que se diz, e já não é sem tempo. Seis mezes e meio de trabalhos parlamentares, se esse nome merecem os cinco primeiros, é para fartar uma nação que precisa de obras e não de rhetoricas; que tem necessidade de leis justas e uteis e não de obstrucionismo vergonhoso; que necessita de todos os cuidados, como um enfermo em convalescença, e não pode supportar os gastos inuteis com os seus representantes, que preferem o sol da Avenida às cadeiras de S. Bento e o incidente picaresco á discussão seria e digna. Esta sessão, memoravel nos annaes da politica portugueza, porque, devido à desorganisação de um partido, outr'ora glorioso, fez descer o parlamentarismo, como ainda entre nós se não tinha visto, deixa radicada em muitos a descrença e em todos a necessidade de se tomarem medidas energicas para cohibir abusos. Depois dos barulhos fomentados nas ruas e povoações por uma opposição desvairada, foram exibir no seio da representação nacional as provas vergonhosas de uma decadencia assombrosa, de uma desorganisação completa e de uma ambição desmedida e sem fundamento. O paiz, assistindo assombrado a essas arruaças no templo das leis, e vendo perder-se o tempo e o seu dinheiro na declamação balofa dos mais rançosos tropos, deu em gritar que se fechasse a caza, onde, em vez de se discutir os seus interesses, se cavava a ruina do systema representativo. *Fechem isso!* gritava-se de toda a parte! *Isso!* Para nós e para todos os que teem amor às instituições, que nos foram legadas como uma preciosa herança alcançada à custa de muito sangue, esta palavra é altamente entristecedora. Vemos n'ella os symptomas de uma descrença completa. Em 1882, o parlamento funccionou até 17 de julho. Uma opposição vigorosa, seria e digna, discutia as medidas governamentaes; empenhavam-se n'essa lucta os mais brilhantes talentos que hoje formam ao governo e o appoiam. Embora a sessão fosse longa, mais do que esta, não se ouvio o clamor geral exigindo que o parlamento se fechasse, como hoje se ouve. E porque? Porque o povo via nos membros da opposição uns vigorosos luctadores pelos seus direitos, que, embora combatessem o governo, visto seguirem uma outra corrente de ideias, tinham sobretudo o bem estar do paiz. Hoje, pondo de parte um grupo que se tornou notavel pela sua compostura correcta e digna—a Esquerda dynastica—, o paiz vio uma opposição desvairada, cuja mira unica, a conquista do poder, a levou aos mais condemnaveis excessos. O que a facção, que se diz representante das gloriosas tradicções do partido de Fontes Pereira de Mello, praticou n'esta sessão está ainda bem vivo para que seja precizo recordal-o.

Interesses do paiz, necessidade de reformas, respeito pela representação nacional, tudo foi posto de parte, para se dar largas á ambição, manifestada nas mais degradantes scenas.

Ao desprezo pelos seus interesses, respondeu o paiz com o seu soberano desdem: — *Fechem isso!* Reconhecendo quanto era perigoso este estado de cousas, o digno presidente do conselho appellou para os sentimentos de patriotismo da opposição para que todos se empenhassem em pôr termo a uma situação prejudicial, em que ninguem podia lucrar, e em que as instituições perdiam o prestigio. Nasceu d'ahi o accordo. Os accordos, que todos condemnam em these, são muitas vezes necessarios á boa marcha dos negocios publicos. Fontes Pereira de Mello, esse vulto superior da nossa politica, recorreu muitas vezes a elles. Mas este remedio foi de occasião; não pode nem de forma alguma deve estar a cada passo a lançar-se mão d'elle. Por outro lado está uma grande verdade: — mais outra sessão assim, e o povo perderá o resto do respeito que ainda tenha pelo parlamento. Este anno disse—fechem *isso;* para o anno o que dirá? Não appellamos para os regeneradores, a cujos excessos se deve este estado de decadencia; durante esta memoravel sessão pretenderam chamal-os á ordem não só os amigos do governo, mas tambem alguns dos membros da opposição, lembrando-lhes o errado caminho que seguiam. A tudo foram surdos. Resta-nos, pois, pedir ao governo e à maioria que adoptem providencias para que os abusos se não repitam.

Se o regimento é deficiente, reforme-se quanto antes.

E' precizo que o paiz readquira a sua confiança n'um dos mais importantes poderes do estado.

MONS PARTURIENS

Repetimos: são muito lamentaveis os factos que se deram; lamentamol-os, como lamentamos todas as desgraças, sobretudo quando ellas vão ferir o seio de familias honestas. E tanto sentimos a desgraça do que n'um momento de allucinação comette o crime, como a do que é victima, porque um e outro são necessarios á sua familia e á sociedade; sentimos sempre uma força que se aniquilla, embora temporariamente. Mas é preciso pôr as questões no seu verdadeiro campo; é preciso que lá fóra se saiba que esses crimes não são uns factos extraordinarios que façam emmudecer de assombro e estremecer de horror. E' preciso não estar para ahi a dar um vulto demasiado, só com o fim tristissimo de desacreditar a propria terra, áquillo que por esse mundo se dá todos os dias, infelizmente; é necessario acabar com um facciosismo mal comprehendido, que só tem em vista o descredito. E sobretudo o que é urgente é ser coherente e logico, se para esse lado se sabe o que é coherencia e o que é logica. Porque é que apenas se falla nos ferimentos do sr. Fonseca Soares e se não falla do sr. Francisco da Luz? porque é que apenas se pede justiça para os agressores d'aquelle, e se não pede para o d'este, que é mais criminoso do que aquelles, porque tem contra si a embuscada, a traição, a surpreza e a espera? Pois não é grave o estado do sr. Francisco da Luz, talvez mais do que o do sr. Soares, que estando em perigo de vida até ao dia do exame de sanidade, ou melhor, até ao dia em que se lançou o despacho de pronuncia, aparece livre de perigo logo no outro dia? Como se a natureza désse saltos! Foi para estas e outras gentilezas de egual quilate que se encommendou para a serra da Estrella um montanhez pago a trezentos mil reis por anno. E' cazo de dizer como o poeta brazileiro:

...isto faria rir
se não fizesse tristemente chorar!

Mas vamos ao ponto. Não é tambem honrado artista o sr. Francisco da Luz? Não é um chefe de familia, que está impossibilitado de ganhar pelo seu trabalho honesto o pão quotidiano para sua espoza e filhos? Não é merecedor do mais severo castigo o agressor covarde que prostra com uma pancada o cidadão que regressa tranquillamente a caza?

Porque é então que não se falla n'elle, nem no crime, nem no estado da victima? Porque se falla só no sr. Soares, cujos ferimentos foram...nem sabemos como dizel-o, mas que deu um salto, de um dia para o outro, do estado agonisante ao de livre de perigo, graças aos *cuidados* de peritos perpetuos, e não se falla no sr. Francisco da Luz cujo estado foi muito mais grave? Então para ahi a justiça quer-se de tarraxa?! Sejam logicos e serios se querem que os tomem a serio. Nós não vamos devassar os segredos de justiça nem trazemos para a imprensa o resultado de investigações judiciaes; mas sabemos e toda a gente o sabe que os ferimentos do sr. Soares não tiveram felizmente a gravidade que se lhes attribuio e que por ahi se fez espalhar; que esses ferimentos resultaram de uma provocação e nunca de premeditação; e que todas essas longas historias com que se enche papel teem um fim unico—o descredito e formar opinião. Sabemos tambem que o sr. Francisco da Luz teve um estado gravissimo; que foi victima de uma covarde e traiçoeira aggressão; e que a respeito d'elle nada se diz, porque, embora este crime seja muitissimo mais importante do que o outro, foi commettido por um arallista. Ora isto não é serio; e a quererem castigo para uns devem pedil-o para o outro que é mais criminoso. A fome e a sede de justiça, que os traz na espinha, não deve ser de tarraxa; aliás, é o que todos nós sabemos, uma comedia.

Mais duas palavras.

Ha muito que, n'esta comarca, se não tem confiança nos exames directos feitos aos feridos; ha alguma cousa que não satisfaz o publico. Qual a causa? A causa é a maior parte d'elles não serem feitos segundo as regras scientificas. No crime do sr. Soares esses exames são um assombro; Calino não os faria melhor. O que será em processo com uma baze defeituosa?!

O anno infelizmente, tem sido abundante em crime. Ainda na quinta-feira, em Braga, em pleno passeio publico houve um assassinato.

Tambem por lá andará a politica?

Subscripção aberta na redacção do OVARENSE, para as victimas do incendio do theatro Baquet, do Porto.

Transporte.. 37$650

DO OUTRO LADO...

(Cartas ao dr. Sá Fernandes)

XXXVIII

Meu amigo.

Acabo de ver o—Recenseamento das creanças na edade escholar do sexo feminino da freguezia de S. Vicente — feito pela Junta de parochia respectiva, e encontro o numero de 110 creanças do sexo feminino na edade de poder frequentar a eschola.

Como é, pois, que aquelle grandissimo intrujão que em vida se chamou Aralla e depois da vida *servidor*, se atreveu a dizer que S. Vicente era de insignificante população?

Aqui está um desmentido official: nada menos de 110 creanças em condições de poder commungar o pão tonificante, milagroso, vital, da instrucção. E foi aquelle misero dentista lançar poeira nos olhos dos poderes superiores, dizendo que a freguezia de S. Vicente era de insignificante população, como se fora isso um pretexto para recusar um tão alevantado beneficio como o que o meu amigo João Santos se propunha prestar á sua freguezia!

Mas que fosse a freguezia de S. Vicente de insignificante população, o que proveria isso con-

tra a existencia de Deus? Pois a civilisação não ha de assomar a todas as serranias e embrenhar-se em todas as florestas? Pois a civilisação que está todos os dias conquistando a selvageria, ainda a mais remota, entrançando-se por todo o mundo, como masculas nervuras e palpitantes arterias a atirar a humanidade para uma phase pujantissima de vida oruenada e progressiva, enflorando-a, e a confirmar o pensamento de Saint-Simon—a edade d'oiro não ficou atraz no paraizo mas está adeante n'um largo e ridentissimo futuro—, pois a civilisação, vinha eu dizendo, e a instrucção portanto, que é o mais poderoso vehiculo d'ella, illumina como um grande sol aos ricos e aos pobres, esfarrapando de lez a lez a noite da ignorancia, e não havia de ir aquecer e brilhar na freguezia de S. Vicente, só porque ella fosse de insignificante população ?!

Decididamente aquelle abandonado da razão que hoje se ceva no ermo do Matto-Grosso não era um rei, como se lhe chamou, mas um cabo de esquadra; nem *regulo* sequer, que um maioral de selvagens saberia melhor mentir.

Ora quando isto assim é para pretexto de ser insignificante a população de S. Vicente, o que devo eu dizer da outra que o supracitado cabo de esquadra deu, recusando a eschola por ser pouco abastada a população de S. Vicente?

Pois então os pobres d'esta freguezia, se é que todos os seus habitantes são pobres, não eram votantes? não pagam contribuição alguma ?

Sim, elles que tivessem todos os encargos, mas que não gosassem de todos os beneficios.

Has de concordar, meu amigo, que é supremamente irrisorio tudo isso! De modo que só os abastados é que, na opinião phantastica d'aquelle immundo *servidor*, é que eram capazes de instrucção; os outros...os outros que fossem simplesmente votantes e tivessem cooperado, ainda que obscura mas indefessamente, todos muito illudidos e de boa fé na grandiosa obra de guindar ao primeiro logar da governação do municipio um homem, que no dia seguinte alçando a perna havia de fazer-lhes o que fazem os cães nas esquinas sujas dos pardieiros !

Os pouco abastados que vendessem a camisa para satisfazerem ao fisco o que este lhes arranca, á custa do seu proprio sangue e do sangue dos seus filhos; e elle, o heroe dos fuzilamentos d'Arada, e da eleição dos rijões, assassino de D. Rita e commandante da campanha das bombas, que se locupletasse á farta, vendendo á camara terrenos estereis a 140 reis o metro, quando egual superficie comprara aos pouco abastados pelo insignificante preço de 20, 25 e 30 reis!

Realmente !

Mas na semana seguinte continua o

Teu am.º do Coração

Ovar, julho de 1888.

Angelo Ferreira

SECÇÃO NOTICIOSA

NOTICIAS DIVERSAS

Dr. Luiz Osorio—De visita ao sr. dr. Nunes da Silva, esteve sabbado entre nós o ex.mo sr. dr. Luiz Osorio, ex deputado e um dos primeiros poetas d'estes tempos. S. Ex.ª partiu em villigiatura para o Minho, d'onde virà, cremos, demorar-se alguns dias entre nós. Oxalà!

Incendio—Na segunda-feira, das 4 para as 5 horas da tarde, os sinos da egreja e das differentes capellas da Villa, tocavam a rebate, em signal de incendio e alarmando a Villa. Era fogo que se ateara n'um armazem do sr. Vinagre, vulgo *Cavilha*. Soprava rijamente um vento furioso, incutindo grandes receios de que o incendio lavrasse rapidamente, lavrando de todo os grandes e bons predios que confrontam com o armazem. Logo cordões ininterruptos de povo começaram de todos os lados a convergir açodadamente para o local do incendio. N'estes lances afflictivos salta-se por cima de todos os silvados que separam distinctamente, profundamente, as crenças politicas; e gregos e troianos atiram-se denodadamente ao perigo, arrostam uma fumarada suffocante, e entram a debellar o incendio desesperadamente, mas d'esta vez com muito tino e com muita ordem.

Todos trabalham com boa vontade, e, apezar de todos berrar, todos concorrem para se abafar o fogo.

Lá no alto do telhado da casa visinha trepa primeiro o sr. José Maria dos Santos, seguido pelo seu caixeiro e pelo seu sobrinho. José Maria de Rezende, o *Villão*, e depois o nosso typographo João Maria dos Santos, e depois José Ennes Bezerra, o *Estucador*, e depois João Sucena, e Manuel Lopes Junior, e José Lopes, e muitos, cujos nomes nos é difficil de enumerar, e todos successivamente mas tão rapidos, que mais parece que surgissem alli ao mesmo tempo, começaram de destelhar o armazem a incendiar-se, que, com agua em grande abundancia accarretada por muitas mulheres, começou de ceder campo.

Localisado o incendio, dissipado o receio de poder communicar ao importante predio visinho, tudo socegou.

Devemos notar que concorreu para a boa ordem a presença do sr. Administrador; e entre os que mais se distinguiram n'este serviço humanitario, além dos individuos acima mencionados, lembramos-nos de José Maria Duarte, o *Baeta*, que doidamente, heroicamente, entrou no coração do armazem a incendiar-se com o fim de tirar de lá as pipas, que alguns imaginavam conter agua ardente, o que deveras mantinha sobresaltado o animo de todos os espectadores; como tambem nos lembramos de Manuel Salvador, que se esqueceu de que um laxante tomado n'esse dia o retinha em casa endietado, para trabalhar como os que trabalharam mais.

A origem do incendio é simples. Dizem-nos que uma creada que, pouco antes aquecera agua para a manipulação e fabrico do vinagre, se descuidara, de modo que o lume communicara a umas maravalhas e d'ahi a todo o armazem.

Perderam-se algumas pipas de vinagre, duas cremos nós, e o armazem ficou quasi todo reduzido a cinzas.

*

Em outro logar d'este jornal o sr. José d'Oliveira Vinagre agradece a todos os que trabalharam por abafar o incendio e impediram que elle causasse maiores prejuizos.

E' esta cortezia muito rara hoje em dia, que muito honra aquelle cavalheiro, para quem não temos sido benevolentes, valha a verdade, não deixando nunca de fazer justiça ao seu caracter.

*

Duas notas picarescas. Sim, porque o ridiculo jamais abandona os casos mais graves da vida, aflora sempre n'estes tristes acontecimentos. Junto do cofre do sr. Vinagre, enquanto outros moirejavam n'uma lucta titanica contra o incendio, o Peixoto lá estava postado como um sentinella, o olhar de esconso e os braços cruzados; e o eximio reporter, o inimitavelmente imbecil localista da gazeta do *outro lado*, de lapis na mão, molhando-o a meudo na bocca, e gesticulando idiotamente com uma tira de papel branco que erguia ao vento, para que todos vissem. bamboleava-se para a direita e para a esquerda, dando leis aqui, dando leis ali, dando leis, como pessoas, elle e o Peixoto, serias e honradas... *Tableau !*

Desculpa—Pedimol-a aos nossos estimaveis assignantes, que recebem pelo correio o nosso jornal, do atrazo do numero passado. A culpa não foi nossa, que mandamos distribuil-o na Villa na madrugada de domingo; quizemos mandal-o tambem para fóra n'essa occasião, mas na recebedoria não havia estampilhas, como não as havia na segunda-feira, na terça-feira, na quarta-feira...

Pedimos energicas providencias a quem compete dal-as: uma comarca do movimento que tem a nossa não póde esperar dias que appareçam na recebedoria estampilhas.

Coração de Jesus—Não temos espaço para fallar d'esta festa, com a largueza que merecia. Paciencia!

Escuzado será dizer que este Coração de Jesus é o *novo*, é o do sr. padre Severino e das sobrinhas do sr. padre Dias.

Foi uma festa de luxo, valha a verdade: o altar singelamente mas brilhantemente decorado com magnificas flores artificiaes, a egreja bem illuminada, onde destoava a armação, apenas excellente no arco da capella-mór, e feita de farrapos de paninho nos arcos das naves.

Mas do prégador é que devemos fallar. Com effeito, Monsenhor Luiz Vianna chamou á egreja a ouvil-o toda a gente illustrada da Villa. Está claro que isto foi prova evidentissima de que o prégador não é uma d'essas vulgaridades que querem levar ao ceu os seus ouvintes, não pela pura doutrina evangelica envasada, enquadrada, emmoldurada n'uma forma oratoria esplendorosa, mas pelo martyrio que lhes infligem de atural-os a espancar na grammatica e no abbade de Salamonde.

Monsenhor Luiz Vianna, na quinta, na sexta e no sabbado, fez tres conferencias religiosas, ou praticas, para usarmos com o vulgo da phrase consagrada, e demonstrou na 1.ª que a vida é —marcha rapida atravez do deserto do mundo—; na 2.ª que a vida é—enlevação—; e na 3.ª que a vida é—soffrimento, dor— E tudo isto deduzido n'uma phrase elegante, emergindo de moutões de boas imagens, de comparações felizes. Que bonito trexo aquelle em que definiu a lagrima! E outros, e outros... No domingo tractou do amor, mas do amor puro. O thema foi o—*Dilexit nos*, e sobre elle bordou quantos motivos de boa doutrina e de boa oratoria. Dentro do seu seculo, comprehende-o, louva-o, mas sente que marche erradamente para um fim que não pode nem deve ser o da humanidade. Chora então sobre esse predominio da materia, com prejuizo do espirito, porque as conquistas do seculo actual, os maravilhosos inventos e o desenvolvimento assombroso das sciencias, principalmente das chamadas naturaes, não podem satisfazer as aspirações do homem. E á roda d'este centro, Monsenhor Vianna faz revolutear argumentos irreductiveis, esmagadores, decisivos, muitos d'elles enroupados n'uma forma doirada d'um estylo são, portuguez, finamente temperado.

*

Na frente da procissão iam duas alas de creanças com opas brancas acompanhando um pendãosito,—a bandeira d'uma eschola de ensino livre dirigida pelo sr. Rezende.

Nada de notavel n'isto; mas é que este professor, vemol-o quasi todos os domingos levando os discipulos em procissão á missa.

Achamos n'isto um zelo excessivo em S. S.ª no ensino religioso das creanças; porque é preciso notar-se que não censuramos o ensino das verdades e praticas religiosas, mas entendemos que são as mães as unicas pessoas competentes para essa elevada e sagrada missão. Fóra do lar, o educador da creança deve approximar se dos novos methodos de ensino, que, deixando ás mães o ensinamento e o aperfeiçoamento dos sentimentos religiosos, desenvolve sómente as forças physicas e intellectuaes do educando.

Um professor não instrue as creanças para rebanhos de beatos, ensina-os para cidadãos prestantes.

Assim o comprehendem todos os demais professores d'esta Villa. Aquella saliencia, pois, do sr. Rezende importa, parece-nos, uma desconfiança do sentimento religioso das mães, que lhe confiam os filhos.

Isso era bom no seculo passado; e nós não recuámos decididamente 100 annos. Alguem que o possa elogiar, não é nem o sr. dr. Cunha nem o sr. dr. Chaves, nem o sr. dr. Ferraz, nem todas as pessoas gradas d'esta Villa, que sabem conhecer qual a verdadeira missão do educador de creanças.

Paços do Concelho — Esteve no domingo entre nós o habil e distincto architecto da Camara Municipal do Porto, sr. Antonio de Fontes Soares, o qual está encarregado pela nossa Camara de levar a planta e traçar o projecto do nosso edificio dos Paços Municipaes.

S. Ex.ª tomou já os delineamentos geraes e brevemente virá levantar a planta.

Consta-se-nos que se conserva a actual arcada, o que dá um grande ar de magestade ao edificio e é d'uma grande utilidade para o mercado.

E' esta uma obra d'uma palpitante e urgentissima necessidade, que de ha muito a opinião publica reclamava, e a que a Camara vae satisfazer agora.

Honra lhe seja.

Afflamentos—O sr. Aralla, com o devido respeito, anda cada vez mais desnorteado. Lembrou-se agora de roncar no *orgão* contra o aferidor d'este concelho, porque elle às 3 horas do dia 30 de junho fechou a sua repartição deixando n'ella os pezos, medidas e balanças que tinha de aferir...E averiguadas as contas, a gente *seria e honrada* de que falla, com essa proverbial modestia que tanto o caracterisa e mais com esse bomsenso que é o apanagio dos doidos, resume-se nas **seria e honrada** pessoas do sr. Peixoto e do sr. José de Pinho Branco.

Gente seria e honrada?!...Ora essa! Muito mais que *seria* e muito mais que *honrada*. Seriedade e honradez até alli! Nem a procurem em outra parte, que toda a *seriedade* e *honradez* se acham encarnadas n'aquelles 2 *cavalheiros*... De industria, tocamos n'este ponto, para mostrar como anda o toitiço do sr. Aralla, salvo seja.

Porque sobre afflamentos os tribunaes hão de fallar ainda. Olá...

O Cidadão — Chegou de Alijó, para onde fora preso, a requisição do sr. Administrador d'ahi, o cidadão Aralla,...perdão, o cidadão Porteira.

Espalham para ahi que veio livre. Mas n'esse caso a sua prisão foi uma arbitrariedade da auctoridade administrativa, que não pode ficar impune. Clamemos, pois, todos contra o sr. Administrador de Alijó, e digamos bem alto: —Aqui d'el-rei, peixô...

Perdão, o que iamos dizer, santo Deus!

Mas, porque a bocca nos arrastava a pronunciar esse nome, com que não quizeramos enlamear esta columna do nosso jornal, devemos dizer a verdade toda. O *cidadão* Porteira não veio tal livre; foi o Peixoto que precisava d'elle para umas arruaçasitas e fazer, depois de o ver engaiolado, contas de grande capitão, sobre as fazendas que o pobre rapaz havia de vender para governar a sua vida, foi o Peixoto, diziamos, que lhe obteve fiança em Alijó e o trouxe para cá, para d'ahi a dois dias lhe negar, contra vontade expressa, com o devido respeito, dos srs. Pinhos Brancos e Aralla, a misera distribuição d'um jornal serpista da capital.

Ora parece-nos isto uma pequenina vingança, se ligarmos este facto com outro que pessoa de auctorisado credito nos relatou e que, por nossa vez, vamos relatar.

Ha mezes, o *cidadão*...Porteira, conduzindo em Aveiro um burro com quinquilharias, ia apregoando, indicando o burro:—Quem quer mercar objectos da tenda do *canudo* ?

Ora, quem nos diz a nós... Mas não commentamos. Ahi fica o pregão. sem reclame aos trastes. E' authentico; garantimol-o.

—Quem quer mercar objectos da tenda do *canudo*?

Veraneando—Começamos por declarar, sob palavra d'honra, que este palavrão, com que epigraphamos esta noticia, não é nosso; é, com sua licença, do sr. Aralla, que já uma vez o empregou no *orgão* a proposito da mesma pessoa, que vae encher esta local.

Mas deixemos isso...

Partiu para as excellentes e nunca assaz nomeadas Caldas de Faro a fazer uzo das ditas o escrivão do 2.º officio d'esta comarca, sr. Antonio dos Santos Sobreira.

Que S. Ex.ª não tenha de lá voltar para o anno, é o que sinceramente estimamos.

Fica assim rectificada a noticia insidiosa, que no *orgão* appareceu, participando, sob uma fria ironia, que S. Ex.ª partira para Lisboa; e terminamos por declarar, sob palavra d'honra, que se não chamamos amigo a S. Ex.ª é para que se não diga que tão de fresco quize.nos parodiar o supracitado *orgão*.

VERSOS E PROSAS

Poema de Amor

* * *

IV

Quando o sol, uma vez, pela collina
se despenhava em vividos «allegros»,
parou a contemplar teus olhos negros
e a dizer:—Que belleza peregrina!

Quando soltaste a voz, a passarada,
á frente os rouxinoes, a harpa eolia
mandou suster a brisa e na magnolia
a brisa se aninhou a ouvir calada.

Quando te viu, beijando a rubra rosa,
mais fina a tua bocca e mais vermelha,
enthusiasmada perguntou a abelha:
—Deus! onde ha flor do que esta mais formosa?

Então puz-me a scismar
porque o sol adorava reverente
o teu humido olhar.

Subi á cathedral, ligeiramente,
do meu amor e achei-a fria e escura.
Deus fez para ella o teu olhar ardente.

Depois, se porventura,
quiz saber porque os passaros tambem
te ouviam da espessura,

recalquei o passado; a minha mãe
na crença me embalou cantando assim,
e tu no amor me embalas, doce bem!

Investiguei, enfim,
porque a abelha tecera-te o elogio
dos labios ao carmim.

Desci ao coração. Tão doentio
e pallido, o animei em vão, em vão.
Jorra d'uma ferida o sangue em fio.

Mordeste-me—ai de mim!—o coração!...

Ovar.

Angelo.

José d'Oliveira Vinagre, agradece penhoradissimo a todas as pessoas benemeritas que tão promptamente prestaram o seu auxilio para a extincção rapida e completa do fogo que ha dias se ateou no seu armazem da rua do Picoto.

Ovar, 12 de Julho de 1888.

José d'Oliveira Vinagre.

ANNUNCIOS

Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 15 do corrente, pelas 10 horas da manhã e à porta do Tribunal Judicial d'esta comarca se hão de arrematar e entregar a quem mais lanço offerecer os seguintes mobilianos. Cinco caixas de pau de pinho sendo duas grandes e tres pequenas. Uma cadeira velha de pinho. Uma masseira pequena. Tres panellas de ferro pequenas. Uma gallinha pedrez. Seis pintainhos. Uma pedra d'amolar. Um ensino com dez dentes e tres castellos d'achas, nos autos d'execução fiscal que a Fazenda Nacional move contra Francisco da Silva Cavadas e mulher de Guilhovae, d'Ovar, por contribuições em divida.

Ovar 4 de julho de 1888.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

Pereira do Valle. 10

O Escrivão de Fazenda do Concelho.

Manuel Neves Ribeiro.

Arrematação

2.ª publicação

No dia 15 do corrente, pelas 10 horas da manhã, e à porta do Tribunal Judicial d'esta comarca se hão de arrematar e entregar a quem maior lanço offerecer os seguintes mobilianos. Cinco cadeiras de palhinha. Dois bahus. Duas mezas, sendo uma de pau caixão, e a outra de pinho. Um lavatorio de ferro com uma bacia de barro ordinario. Um espelho pequeno. Seis caixas sendo uma de pau de fóra e as restantes de pinho, nos autos de axecução fiscal que a Fazenda Nacional move contra Margarida Rodrigues Leite, Roza Rodrigues de Jesus Leite e maridos, d'esta villa como representantes do fallecido Manoel Rodrigues Leite morador que foi em S. Donado d'Ovar.

Ovar 4 de julho de 1888.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

Pereira do Valle. 11

O Escrivão de Fazenda do Concelho.

Manoel Neves Ribeiro.

Venda de propriedades 12

Vende-se um armazem na Rua Direita dos Campos.

Uma leira de terra na Marinha.

Um juncal em Loureiro.

Um pinhal sito em Enxemil.

Quem pretender, falle com o filho de Marianna do Arrota, na Rua das Figueiras, Ovar.

EDITAL

Antonio Pereira da Cunha e Costa, Bacharel Formado em Medicina pela Universidade de Coimbra e Presidente da Camara Municipal d'Ovar:

Faço saber que, em virtude da deliberação d'esta Camara, ha de ir a lanço com a maior publicidade na sala das sessões d'ella, pelas 10 horas da manhã, do dia 15 do mez de Julho, e se arrematará definitivamente se assim convier aos interesses do municipio, o seguinte:

1.º—Toda a agulha dos pinhaes municipaes, com excepção da parte designada o monte.

2.º—As hervas da praia do Caes.

3.º—As hervas da praia do Carregal.

4.º—As hervas da bocca do rio, a começar nas terras de Joaquim Ferreira da Silva até ao fim.

As condições para a sobredicta arrematação estarão patentes na secretaria d'esta Camara todos os dias a contar da data do presente edital até ao acima annunciado, onde poderão ser examinadas por quem n'isso se interessar.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este, que affixado será nos logares publicos do costume.

Secretaria da Camara Municipal d'Ovar, 28 de Junho de 1888. E eu, Angelo Ferreira, secretario interino, o fiz escrever e subscrevi.

O presidente, 13

Antonio Pereira da Cunha e Costa

CONCURSO

Perante a Camara Municipal do Concelho d'Ovar, se acha aberto concurso por espaço de trinta dias a contar da segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, para o provimento das seguintes escolas:

De ensino elementar para o sexo masculino da freguezia de Vallega;

De ensino elementar para o sexo masculino, instituida pelo Padre Ferrer, na Rua dos Lavradores, d'esta Villa;

De ensino elementar para o sexo feminino da freguezia de São Vicente de Pereira;

Cada uma com o ordenado de 130$000 rs. annuaes, incluindo n'esta importancia as gratificações legaes.

Camara Municipal d'Ovar 28 de junho de 1888.

O presidente, 14

Antonio Pereira da Cunha e Costa

DUAS CASAS

Quem quizer comprar duas moradas de casas, umas altas e outras baixas, na Rua de São Bartholomeu, falle com a sr.ª Rosa de Souza Junior, na rua da Praça, que as vende.

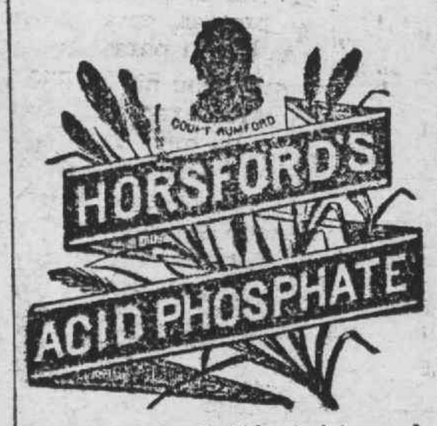
15

SERANDA

Vende-se uma nova, feita de madeira de Castanho, que serve para serandar toda e qualquer qualidade de cereaes.

Dirigir a José Fernandes de Souza Villa,—Rua da Motta—OVAR.

16



Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente subtiuto de limão e baratissimo porque um frasco dura muito tempo.

Tambem è muito util no tractamento de Indigestão, Nervoso, Dispepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 600 reis, e por duzia tem abatimento.

Peitoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas-

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cathartlcas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

Vigor do cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco o restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYES paaa desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias: preço 240 reis.

Os agentes James Cassels & C.ª, rua do Mousinho da Silveira, 127, 1.º Porto dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Ninhos e Ovos

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 28 gravuras e 16 planchas coloridas, representando 86 variedades d'ovos

1 vol. br. . . 1$000 reis

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20. Porto.

CONTRA A DEBILIDADE

Vinho Nutritivo de Carne

Unico legalmente auctorisado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalisados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda nas principaes pharmacias

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este VINHO para combater a falta de forças.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituinte, esta Farinha, *a unica legalmente auctorisada e privilegiada em Portugal*, onde é de uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas debeis, idosas, nas que padecem do peito, em convalescentes de quaesquer doenças, em crianças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa.

CONTRA A TOSSE. XAROPE PEITORAL JAMES

Unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approvado nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Depositos nas principaes pharmacias.

INSTRUCÇÃO

DE

Ceremonias

Em que se expõe o modo de celebrar o sacrosanto

SACRIFICIO DA MISSA

POR UM SACERDOTE

D. C. D. M.

Nova edição melhorada

Approvada para o seminario do Porto pelo ex.mo e rev.mo sr. cardeal

D. Américo Ferreira dos Santos Silva

BISPO DO PORTO

Preço . . . 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A' livraria—CRUZ COUTINHO—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20. Porto.

Casa Editora e de Commissão

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

Rua de Saint-André-des-Arts

N.º 47—PARIS

VIAGEM

Pela Europa

Magnifico album ornado com numerosas chromolithographias 1 volume em 4.º, encadernado (4 fr. 50) 800 reis *(fortes)*.

HISTORIA D'INGLATERRA

POR

GUIZOT

E recolhida por sua filha Madame de Witt

TRADUCÇÃO DE

Maximiano Lemos Junior.

Em Lisboa e Porto serão distribuidos os fasciculos quinzenalmente, mediante o pagamento no acto da entrega de **100 reis** por cada fasciculo.

Nas demais terras do reino, acresce a cada fasciculo o porte do correio, custando por isso **110 reis**.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores LEMOS & C.ª, Praça d'Alegria, 104—PORTO.